

O MÉDICO

Anuncia-se que, nestes últimos 10 anos, foi reduzida de 90 por cento a incidência da malária no Brasil. A mim a notícia não surpreende, porque nas viagens pelo interior já encontrei, nos últimos anos, bem saneadas e prósperas, regiões que antes conheci desgraçadas pelo impaludismo. Mesmo antes da descoberta do DDT, que foi decisiva, a luta contra a malária já se travava com eficiência, embora com êxitos mais lentos e esforços mais penosos. Revejo os jovens médicos de cáqui, os engenheiros de botas atoladas na lama, os mata-mosquitos e guarda-sanitários, as moças preparadas em cursos rápidos para ajudar a gente miserável da roça a lutar contra a morte.

Se trago para a minha crônica essa notícia alegre não é apenas para render homenagem aos homens responsáveis pela campanha empreendida em âmbito nacional, aos sanitaristas, dirigentes, e técnicos, e também ao pessoal humilde, afundado na tristeza e no abandono dos sertões para executar a imensa tarefa. Sou, com frequência, acusado de pessimista. Mas só um débil mental pode viver, como eu vivo, na capital deste país, e não ser profundamente pessimista diante dos espetáculos diários de desonestidade, de tolice, de mentira e vaidade de nosso alto mundo político e social. Nego-me, de quatro pés, a ser moralista. Sou um homem que vive a sua vida como pode, e às vezes, como quer. Se fôsse rico eu seria, talvez, um desses sibaritas burgueses que deixam escorregar molemente sua vida de doçuras no meio das aflições do mundo. Mas acontece que, por profissão ou temperamento, tenho conhecido alguma coisa do Brasil; tenho visto alguma coisa e procurado compreender. E mesmo dentro dos quadros de nossa burocracia, às vezes tão mole e tão imoral, o que mais me espanta não é a corrupção, o amor à futrica, a pressa furiosa de subir e enriquecer, ou o desleixo e irresponsabilidade. O que me espanta é o exemplo, raro, mas vivo, de trabalho, de seriedade e de devoção. O que me espanta é que alguma coisa funcione; é que haja alguns alucinados que no meio dessa balbúrdia indecorosa, trabalhem com ardor e às vezes com sacrifício, para fazer alguma coisa. E apesar de todos os exemplos de charlatanismo, displicência, ignorância e desonestidade, penso que a classe médica ainda é, no Brasil, das menos contaminadas pela avacalhação geral. Tanto no seu trabalho particular como no público, o médico brasileiro ainda é, via de regra, nas capitais e no interior, um grande e voluntário sacrificado. Seu contato diário com a miséria do homem brasileiro — com sua fraqueza, sua ignorância, sua pobreza — parece lhe dar esse admirável senso de responsabilidade que o obriga a fadigas constantes, que o leva a trabalhar quase de graça, e obscuramente, em um meio corrompido pela fúria do lucro e da ostentação.

Verificar que nem mesmo o serviço público pode, sempre, fazê-lo perder essa boa vontade e esse espírito de solidariedade — já é alguma coisa. E, graças ao seu médico e ao pessoal, que ele conseguiu formar e animar que este país pode dar hoje ao mundo um tão belo exemplo de luta e vitória da humanidade dos trópicos. Nossos problemas de saúde são ainda imensos e dolorosos. Eles derivam em grande parte do desequilíbrio social vergonhoso, da miséria e da ignorância das grandes multidões. Mas nosso médico está vencendo o impaludismo no interior, como antes vencera a febre amarela na capital; e isto é um bom consólio e uma grande esperança.

R. B.